

inovar
iLab
conhecer pensar
investigar

INOVAÇÃO SOCIAL NOS DOMÍNIOS FINANCEIRO, TRIBUTÁRIO, DA SEGURANÇA
SOCIAL E DA ECONOMIA SOCIAL

VALORES EM PERÍODO DE CRISE

MANUEL PIRES

Paper n.º 5/BD/iLab/Cedis/2016

Outubro de 2016
ISSN 2184-0970

Citação como: PIRES, Manuel. *Valores em período de crise*. Paper n.º 5/BD/iLab/Cedis/2016, disponível em <http://ilab.cedis.fd.unl.pt/base-dogmatica/>

VALORES EM PERÍODO DE CRISE

VALUES IN A PERIOD OF CRISIS

MANUEL PIRES¹⁻²

RESUMO

Como prolegómeno do tema «Valores em Período de Crise», faz-se uma aproximação à definição de valor, tema de acentuada dificuldade, chegando a dizer-se que V. é indefinível, escreve-se sobre a correspondente taxonomia, enunciando-se diversos critérios e, bem assim, sobre a hierarquia dos valores. São referidos os vários entendimentos que importam, no contexto, relativos ao termo «crise», aos valores relevantes, respectivas origens e evolução, mencionando os valores que se consideram inarredáveis, nomeadamente em período de crise. Conclui-se pela importância do tema no quadro da inovação social.

PALAVRAS-CHAVE: Valor, crise, diversidade de valores, taxonomia, hierarquia e inovação social

ABSTRACT

As a prolegomena of the theme “Values in a Period of Crisis”, one approaches the definition of value, a very difficult subject, and it is even said that V. cannot be defined, one writes about the corresponding taxonomy, while listing several criteria, and about hierarchy of values. Several understandings meaningful to the context are referred, in respect of the term “crisis”, the relevant values, respective origins and evolution, and the values considered essential, namely in a period of crisis, are mentioned. One concludes for the importance of the subject in the framework of social innovation.

KEY-WORDS: Value, crisis, diversity of values, taxonomy, hierarchy and social innovation.

¹ Doutor em Ciências Jurídico-Económicas pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Professor da Universidade Lusíada de Lisboa e Investigador do iLab – Laboratório de Ideias sobre a Inovação Social nos domínios financeiro, tributário, da segurança social e da economia social, pertencente ao CEDIS - Centro de Investigação & Desenvolvimento em Direito e Sociedade. Faculdade de Direito da Universidade NOVA de Lisboa – Campus de Campolide, 1099-032 Lisboa.

² Por vontade do autor, o texto é escrito utilizando o Acordo Ortográfico de 1945

ESQUEMA DO ESTUDO

1. Aproximação à noção do valor
2. Taxonomia dos valores
3. Hierarquia dos valores
4. Valores em período de crise e a inovação social
5. Conclusão

1. Aproximação À Noção Do Valor

A problemática do «Valor» suscita muitas dificuldades não só para ser dada a sua noção precisa, a começar, pela riqueza de sentidos, desde a medida de uma grandeza física (valor de um objecto) até a aspectos imateriais, passando, por exemplo, pela qualidade de um documento que corresponda ao exigido pela lei (valor legal), mas também pela pluralidade dos valores e - não é o menos importante - pelo suscitado, também neste domínio, pelas mundialização, ultrapassando os aspectos económicos, descolonização e migrações ⁽³⁾, com a deslocalização das culturas, a criação de novas mentalidades, em que a facilidade de circulação e os meios tecnológicos assumem papel fundamental, conduzindo à tarefa de comprovação do transmitido, voluntária ou involuntariamente, por outras gerações ou pelos pares, implicando e embora nem sempre, a negação de valores considerados outrora irrefutáveis e também a inserção de conteúdos estranhos ao anteriormente adoptado e respeitado, tudo implicando transformações - basta lembrar a posição dos géneros - se não soluções de continuidade, ou ainda alteração da hierarquia dos valores.

Acresce que autores distinguem ainda dois significados: «qualquer coisa considerada objectivamente importante ou subjectivamente desejada é ou tem um valor» (objecto do interesse) e «o critério da avaliação ou seja o princípio geral

⁽³⁾ WIEVIORKA, Michel - Doit-on et peut-on reformuler les valeurs universelles?. Paris : Fondation Calouste Gulbenkian, 2014. (Tout se transforme / direction João Caraça). Conferência realizada na Fondation Calouste Gulbenkian - Délégation en France, Paris (França), a 11 de Dezembro de 2013.

na base do qual aprovamos ou desaprovamos uma certa acção». Ainda se for utilizado o plural «valores», estes indicam «os ideais a que os seres humanos aspiram» (4).

Sobre a origem do termo valor escreveu-se, a propósito da diferença entre valores económicos e estéticos, éticos ou espirituais, «mas é primeiro no campo económico que a palavra valor adquiriu um sentido preciso e foi certamente na esfera económica e financeira que o processo que tende a fazer do valor qualquer coisa de subjectivo e do variável não absoluto e de estável começou a aparecer» (5).

Na verdade, está-se perante uma das noções abstractas ou primitivas «que são, pela sua própria natureza difíceis de definir, isto é, a reduzir a ideias mais simples e mais bem compreendidas» (6). Como já se afirmou, «A noção de valor, de uso corrente no moderno vocabulário filosófico – cultural, é difícil de precisar» (7). E mais adiante, ‘No sentido mais amplo e concreto da palavra, o V. designa tudo aquilo que é desejado, apreciado e louvado. Em sentido filosófico e abstracto, significa a qualidade ou carácter que torna os objectos ou actos valiosos, i, é, dignos de serem apreciados e desejáveis». Mais acutilantemente ainda se escreveu «Rigorosamente falando, o V. é indefinível; apenas podemos descrevê-lo mais ou menos fielmente» (8).

(4) SCIOLLA, Loredana - Valori. In. ENCICLOPEDIA DELLE SCIENZE SOCIALI - Enciclopedia delle Scienze Sociali [Em linha]. Roma : Istituto della Enciclopedia Italiana, 1998. [Consult. 1 Out. 2015]. Disponível em WWW:<[http://www.treccani.it/enciclopedia/valori_\(Enciclopedia-delle-scienze-sociali\)/>](http://www.treccani.it/enciclopedia/valori_(Enciclopedia-delle-scienze-sociali)/>).

(5) GOUX, Jean-Joseph - Para uma frivolidade dos valores?. In BINDÉ, Jérôme, dir. - Para onde vão os valores?. Lisboa : Instituto Piaget, 2006. p. 98.

(6) OGIEN, Rowen - L'éthique aujourd'hui : Maximalistes et minimalistes. Paris : Gallimard. p. 176. embora não se referindo a valor, mas «a verdade, a justiça, o amor ou ... o consentimento» (tradução nossa).

(7) FREITAS, M. Costa - Valor. In CABRAL, Roque [et al.], comissão executiva - Polis : enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado : antropologia : direito : economia : ciência política. Lisboa : Verbo, 1987. p. 1468-1474. Vol. 5.

(8) CABRAL, R. - Valor. In ENCICLOPÉDIA VERBO LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA - Enciclopédia Verbo luso-brasileira de cultura. Lisboa : Verbo, 1977. p. 673-675. Vol. 18.

Sem pretendermos cair na axiologia como tema predominante do presente escrito e embora de uma forma assaz perfunctória e sintética e à guiza de prolegómeno, importa procurar algo mais da ideia do que são valores, bem como a enunciação das suas taxonomia e hierarquia.

Tentar definir valor de modo inquestionável é, portanto, tarefa semelhante ao tonel das Danaides, visto a respectiva diversidade consoante as épocas, ou lugares e quem do tema se ocupa.

A noção não colhe, assim, unanimidade, basta atentar nas perspectivas objectiva – o valor não depende da pessoa – e subjectiva – o valor depende do indivíduo, da respectiva consciência, já não mencionando a corrente materialista, contraposta às anteriores subsumíveis a corrente idealista.

De outro modo, à teoria psicológica contrapõe-se a teoria realista, aquela vendo no valor «a expressão das preferências da consciência individual, uma projecção dos gostos e desejos pessoais, não é o V. que determina o desejo, mas é este que determina e explica o V.», tendo, portanto, carácter relativo, enquanto que a teoria realista «Conclui da objectividade dos valores e sua existência actual e determinada num mundo transcendente no qual subsistem, autónomos sem sujeito nem suporte, à maneira das ideias platónicas, acessíveis apenas a uma experiência emotiva» ⁽⁹⁾. De mencionar ainda a referência do V., por outros, «à actividade do espírito em geral e através deste, ao V. absoluto ou Deus, os valores são uma manifestação do Absoluto (...) ou de Deus (...), identidade perfeita do ser e do valor (...)» ⁽¹⁰⁾.

Também foi escrito: «Em íntima relação com o sujeito espiritual, o V. é, no entanto, dotado de uma real objectividade que o mostra independente do capricho e das preferências individuais (...). A prova da sua objectividade e universalidade está em que, apesar dos eventuais sacrifícios que a sua realização exige, ele é

⁽⁹⁾ Polis e entrada cit.

⁽¹⁰⁾ Polis e entrada cit.

sempre preferido senão de facto, pelo menos, de direito, como um bem necessário e imprescindível à realização pessoal (...). De facto, todos reconhecemos que o amor e a justiça são superiores e mais respeitáveis do que o ódio e a violência» ⁽¹¹⁾ e adiante: «Objectivo e transcendente, o V. é comunicável, melhor, é o lugar de toda a comunicação espiritual possível pela supressão de todas as preferências particulares».

Não poderá, porém, o tema ser objecto de reducionismo - confinando a algo que impeça a orientação do nosso comportamento total de modo a tornar-nos no que somos na plenitude (*werden was du bist*) -, porque os valores não se limitam designadamente ao âmbito moral, ainda que exista uma sua hierarquia. De qualquer modo, os valores são algo que orientam positiva ou negativamente, o nosso comportamento e que resultam de uma avaliação. E a sua acção reflecte-se não só face ao autor dos comportamentos, individualmente considerado, mas também no viver em comunidade.

Coloca-se assim, a questão, no que interessa, não apenas no âmbito moral, importando, pois, acentuar que, no actual contexto, a procura deve ser relativa a vectores do comportamento, do modo de agir, o que não significa serem necessariamente valores éticos ou morais.

Perante o que se escreveu, face à diversidade de posicionamentos, opta-se, embora com adaptações, atenta a restrição do transcrito -, por usar «o termo valor, como princípios consensuados, dignos de servirem de orientação para as decisões e comportamentos éticos das pessoas que buscam uma vida digna, respeitosa e solidária numa sociedade justa e democrática» ⁽¹²⁾.

2. Taxonomia Dos Valores

⁽¹¹⁾ Polis e entrada cit.

⁽¹²⁾ GOERGEN, Pedro - Educação e valores no mundo contemporâneo. Educação & Sociedade [Em linha]. 26:92 (Outubro 2005) 983-1011. [Consult. 10 Set. 2015]. Disponível em WWW:< <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a13.pdf>>. ISSN 1678-4626.

Existem muitos valores. No entanto, importa assinalar que muitas vezes na indicação dos valores confundem-se realidades, como “bens”, apesar das «profundas afinidades com esta noção» ⁽¹³⁾, v.g., a virtude ⁽¹⁴⁾. «Podemos até dizer que são tantas as espécies de V. quantas as faculdades ou tendências a que correspondem. Todos eles se encontram irreduzíveis e heterogêneos (...). Mas esta heterogeneidade não significa diversidade pura, mas diversidade ordenada e hierarquizada como a diversidade das respectivas faculdades e tendências. Esta hierarquia é sobretudo manifesta em grandes classes em que habitualmente se dividem os valores: valores biológicos, valores económicos, valores espirituais, valores morais e religiosos» ⁽¹⁵⁾.

E assim as classificações ou taxonomia dos Valores são diversas consoante os critérios adoptados. Quanto ao conteúdo (estéticos, cognitivos, económicos, religiosos, políticos e morais), colocação na cadeia de meio - fim (instrumentais – modos de conduta aptos a conseguir um fim – e finais – colocados no termo de cadeia), extensão (aplicáveis a todos integrantes de uma colectividade nacional ou civilização ou apenas a um respectivo sector), intensidade (valores dominantes e valores de desvio (*devianti*), idiossincráticas ou características de uma minoria marginal), ou ainda – outro critério - organização ou coerência (os valores surgem em relação com outros valores) ⁽¹⁶⁾.

Mais variadas, v.g., compreendendo dezasseis termos, têm sido apresentadas outras classificações: políticos, de domínio, económicos, ecológicos, religiosos,

⁽¹³⁾ Enciclopédia e entrada cit.

⁽¹⁴⁾ PEDRO, Ana Paula - Ética, moral, axiologia e valores: confusões e ambiguidade em torno de um conceito comum. Kriterion [Em linha]. 130 (Dezembro 2014) 483-498. [Consult. 15 Out. 2015]. Disponível em WWW:<<http://www.scielo.br/pdf/kr/v55n130/02.pdf>>. ISSN 0100-512X. transcrevendo, na página seguinte como refere Cabanas «los valores non son bienes, sino una consecuencia de esos bienes referidos a la persona».

⁽¹⁵⁾ Enciclopédia e entrada cit.

⁽¹⁶⁾ SCIOLO, Loredana - Valori. In. ENCICLOPEDIA DELLE SCIENZE SOCIALI - Enciclopedia delle Scienze Sociali [Em linha]. Roma : Istituto della Enciclopedia Italiana, 1998. [Consult. 1 Out. 2015]. Disponível em WWW:<[!\[\]\(eb024f31fc794e08e686a78c2c6ad0c6_img.jpg\) FACULDADE DE
DIREITO
UNIVERSIDADE
NOVA DE LISBOA](http://www.treccani.it/enciclopedia/valori_(Enciclopedia-delle-scienze-sociali)/>.</p></div><div data-bbox=)

éticos / morais, científicos, culturais, educativos, estéticos, sociais, recreativos, egocêntricos, etnocêntricos, bem-estar e saúde ⁽¹⁷⁾.

Outras classificações têm ainda sido apresentadas. Assim, de um ponto de vista formal: positivos ou negativos, das pessoas, acções ou coisas e autónomos ou derivados; de um ponto de vista material e com base na relação dos V. com a pessoa humana: gerais (v.g., existência), de utilidade, infra-humanos (v.g., biológicos), humanos inframorais (v.g., económicos, estéticos); morais (o exercício da liberdade) e religiosos ⁽¹⁸⁾.

Numa outra visão, na Carta da Terra, que «é uma síntese de valores, princípios e aspirações partilhados por um crescente número de mulheres e homens e organizações no mundo», escreve-se: «Necessitamos urgentemente de uma visão partilhada dos valores básicos para fornecer um fundamento para uma comunidade mundial emergente» e, em seguida, afirma-se os «seguintes princípios interdependentes para um modo de vida sustentável como um padrão comum pelo qual deve ser guiada e avaliada a conduta de todos os indivíduos, organizações, negócios, governos e instituições transnacionais»: respeito e cuidado pela comunidade de vida; integridade ecológica; justiça social e económica; democracia, não violência e paz ⁽¹⁹⁾.

Também outra classificação resulta da aplicação do critério do respectivo âmbito: se forem dependentes da convicção do sujeito em causa, embora possa resultar de factores exógenos, e serão pessoais, ou se dependentes do pensamento societário

⁽¹⁷⁾MCKEOWN, Rosalyn - Tolls for managing change : recognizing values in action. In MCKEOWN, Rosalyn -Education for Sustainable Development Toolkit [Em linha]. [S.l.] : ESD Toolkit, 2002. [Consult. 27 Jul. 2015]. Disponível em WWW:<http://www.esdtoolkit.org/managing_change/values.htm>. (tradução nossa).

⁽¹⁸⁾CABRAL, R. - Valor. In ENCICLOPÉDIA VERBO LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA - Enciclopédia Verbo luso-brasileira de cultura. Lisboa : Verbo, 1977. p. 673-675. Vol. 18.

⁽¹⁹⁾EARTH CHARTER COMMISSION - The Earth Charter [Em linha]. [San José] : Earth Charter International, [2000]. [Consult. 10 Set. 2015]. Disponível em WWW:<[URL:http://www.earthcharterinaction.org/invent/images/uploads/echarter_english.pdf](http://www.earthcharterinaction.org/invent/images/uploads/echarter_english.pdf)>.

e serão culturais, o que significa que estes se impõem independentemente das convicções individualizadas.

3. Hierarquia Dos Valores

É possível uma hierarquia de valores, uma sua ordenação, consoante a importância que lhes é atribuída? Hierarquizar não significa considerar valores e anti-valores, significa apenas ordenar os valores consoante a sua valia, mas não deixando de reconhecer o valor absoluto de cada um deles, é apenas o resultado de comparação entre iguais e, portanto, do seu valor relativo e resultante, da diversa influência dos costumes, das práticas e das ideologias num determinado contexto.

O interesse desta hierarquia é evidente no caso de conflito de valores ou da impossibilidade de aplicação de todos os concernentes.

A hierarquia pode não só racionalizar mas também mais do que explicar, pode justificar a actuação, o comportamento, mais ainda pode, ou melhor deve determinar, no caso de pluralidade de agentes, qual ou quais os mais apropriados para o comportamento a assumir.

De assinalar, o proposto por M. Scheler partindo do conceito intrínseco do valor: valores materiais (económicos), valores vitais, valores espirituais (noéticos, estéticos e éticos), valores religiosos ou valores do sagrado ⁽²⁰⁾.

Existindo a possibilidade de variação do posicionamento dos valores, importa, para o efeito, a lembrança da sustentação ou não do respeito ou / e da aceitação de ideias anteriores ligadas a uma certa subordinação dos indivíduos face a concepções enraizadas, em virtude da «libertação», em maior ou menor grau, do tradicional hoje patente ⁽²¹⁾.

⁽²⁰⁾Citado in Enciclopédia entrada cit.

⁽²¹⁾Sobre este aspecto, cfr. WIEVIORKA, Michel - Doit-on et peut-on reformuler les valeurs universelles?. Paris : Fondation Calouste Gulbenkian, 2014. (Tout se transforme /

A hierarquização resulta de aplicação de critérios, de regras de preferência, umas mais discutíveis do que outras. Assim o que pode implicar a prevalência do colectivo, do social deve anteceder o individual, no entanto, com um limite os direitos fundamentais do agrupado, barreira inultrapassável. E assim tudo o que preserva a existência deve ser considerado e tanto no âmbito individual como colectivo, com aplicação nomeadamente no aspecto ecológico.

Em conformidade são de assinalar, o bem-estar, numa visão não só estática mas dinâmica, não só material mas imaterial, compreendendo a preservação da humanidade, o seu destino e, nesta forma genérica, a existência, as integridades física e moral, o legítimo desenvolvimento dessa existência e também o necessário comportamento tendo em atenção a alteridade, com o respeito pelo outro, a igualdade, a generalidade e a solidariedade com as consequentes paz e justiça sociais.

Atendendo às classificações dos valores apresentados pode colocar-se a questão se a diversidade implica independência. A resposta deve ser negativa, pois, designadamente face aos valores éticos, os dos outros tipos devem ser apreciados à luz daqueles.

Do que se escreveu resulta que, na hierarquia dos valores, se tenha necessariamente em consideração o congruar das diversas exigências em causa, de modo a evitar-se nomeadamente a subjugação dos vários estratos sociais, o que implica também a intervenção do Estado e ainda dos *media* de modo a que os mais possidentes não tentem e, se o tentarem, não consigam, continuar a desfrutar de situações que só os favorecem em detrimento dos que mais carecem, o que se atinge mediante comportamentos que previnam e/ou eliminem o seu infra-estado e infra-estatuto. Se tal significa ruptura, evolução ou deslizamento é

direction João Caraça). Conferência realizada na Fondation Calouste Gulbenkian - Délégation en France, Paris (França), a 11 de Dezembro de 2013.

uma questão subordinada à que consiste em se atingir o que se pretende e seja necessitante atingir-se.

Com este objectivo, poderão ser escalonadas as diversas categorias de valores: valores religiosos – os não crentes devem respeitar as crenças dos outros -, valores espirituais (éticos/morais, não tendo prevalência os estéticos, de entre outros), os valores relativos à vida e, por fim, materiais, todos de modo a que a democracia com o reconhecimento dos direitos universais encontre plena satisfação, como o direito à vida e à liberdade, ao desenvolvimento da pessoa e o reconhecimento recíproco dos humanos e dos meios em que se encontram integradas as pessoas ⁽²²⁾.

Tal significa que o que se indica conduz a verificar-se que as pessoas, para além de viver, desfrutarão de bem-estar e não apenas material. É certo que o mundo do dever ser (*sollen*) não corresponde muitas vezes ao mundo do ser (*sein*), mas temos a certeza que a solidariedade e a generosidade serão aplicadas quando necessárias, em vez do individualismo egoísta, tanto mais que, segundo alguns, estamos numa fase de cultura após - dever ou pós-moralista ⁽²³⁾? De qualquer modo, o futuro não se apresenta como algo resultante do determinismo, resultará do que o Homem fará (acção) ou não fará (omissão), daí a responsabilidade de todos nós perante o que tem vindo a ser escrito. Feita a escolha, deve seguir-se o comportamento consciente e dirigido ao objectivo, sendo o sentido resultante da escolha entre várias possibilidades um dado *ex ante* e não uma resultante *ex-post*.

Será que, mediante o sentido indicado, serão eliminadas as paixões que foram já indicadas como sendo as do homem moderno: a inveja, o ciúme, a vaidade, a cobiça, a mira do lucro, o ódio, a luta irrisória pela glória e pelo reconhecimento,

⁽²²⁾Em sentido muito próximo com TOURAINÉ, Alain - Depois da crise. Lisboa : Instituto Piaget, 2012. p. 174.

⁽²³⁾ LIPOVETSKY, Gilles - A era do após-dever. In MORIN, Edgar [et al.] - A sociedade em busca de valores. Lisboa : Instituto Piaget, 1998. p. 31, verificando, porém, a reafirmação de «um núcleo estável de valores geralmente aceites: os direitos humanos, a honestidade, a tolerância, a recusa de violência e da crueldade», p. 32.

contrapostas às virtudes cristãs de justiça, de humildade, de temperança e de caridade ⁽²⁴⁾?

Reveste-se também de interesse uma orientação apresentada: Os valores a adoptar seriam «aqueles que são fieis às quatro origens da moral (...), por outras palavras aquelas que vão no sentido da vida, no sentido da sociedade e dos seus interesses, no sentido da razão e do universal, enfim, no sentido do amor – e isto (...) nos limites que estas quatro origens se impõem mutuamente» e adiante «(...) os valores greco-judaico – cristãos, mas ainda os valores da humanidade, os que nos podem unir, sejam quais forem as nossas raças ou as nossas religiões, os que podem permitir-nos viver em conjunto». E também: «Os valores são conhecidos, a lei é conhecida, desde há vinte e cinco séculos. Não se trata de inventar novos valores, trata-se de inventar uma nova fidelidade aos valores que recebemos e que temos o encargo de transmitir» ⁽²⁵⁾. Mas esta posição tem valia face à globalização, à avidez pelo rendimento, à revolução técnica? Terão sobrevivido face ao tsunami que fez e está a fazer tantas modificações nos âmbitos individual, societário, infra-estadual, estadual e superestadual? Não foi já afirmado que «nos encontramos numa mundialização contraditória: os progressos fantásticos da mundialização técnico-económica suscitam, mas também asfixiam, uma mundialização cidadã e humanista»? ⁽²⁶⁾.

4. Valores Em Período De Crise E A Inovação Social

À crise num dos seus sentidos, andam associados fenómenos de variada natureza: de financeiros e económicos a sociais, falências, medidas financeiras

⁽²⁴⁾Stendhal quanto às paixões em DUPUY, Jean-Pierre - A ética dos negócios. In MORIN, Edgar [et al.] - A sociedade em busca de valores. Lisboa : Instituto Piaget, 1998. p. 78 e 79.

⁽²⁵⁾COMTE-SPONVILLE, André - Uma moral sem fundamento. In MORIN, Edgar [et al.] - A sociedade em busca de valores. Lisboa : Instituto Piaget, 1998. p. 152 e153.

⁽²⁶⁾MORIN, Edgar - Cultura e barbárie europeias. In MORIN, Edgar [et al.] - A sociedade em busca de valores. Lisboa : Instituto Piaget, 1998. p. 50 (interrogação nossa).

extraordinárias, crescimento negativo ou diminuto, desemprego, com implicações profundas ⁽²⁷⁾.

A crise implica situação instável, gerando diminuição do PIB, aumento da dívida pública, a queda abrupta ou deslizante de cotação das acções, o desemprego, a pobreza, a emigração.

Também a crise pode referir-se à crise de valores hoje existente e patente no texto. E quando ocorrem simultaneamente, os efeitos são exponenciais.

Alain Touraine refere: «Este risco de destruição do mundo pela busca sem limites do lucro é mais do que o sintoma de uma crise, dado que pode tornar-se mortal para a sociedade, e em primeiro lugar para o liberalismo, que destruiu a “sociedade capitalista” suprimindo todos os seus atores e reduzindo-a ao reino do mercado» ⁽²⁸⁾.

Face à crise económico-social importa atender como, aliás, em qualquer crise, aos respectivos vectores, com, neste caso, a sua extensão financeira. Tem-se verificado um enfraquecimento, se não uma anulação dos direitos sociais, não esquecendo os direitos fundamentais. E o caminho é assaz perigoso, em virtude das rupturas sociais que pode provocar, agudizando os problemas, a situação. Com as assimetrias a acentuarem-se, a possibilidade de «explosão» constitui um perigo, contra o qual importa reagir e, de tal modo, que a crise, além de eliminada ou, ao menos, atenuada, não tenha carácter recidivante.

Saber quais os valores que devem ser seguidos nessa circunstância resulta, também, de saber nomeadamente por que vias as pessoas conhecem os valores e

⁽²⁷⁾PIRES, Rita Calçada ; PIRES, Manuel - O imposto na crise: significados e reflexões. In PIRES, Manuel, coord. ; PIRES, Rita Calçada, coord. - O significado do imposto e da crise. Lisboa : Universidade Lusíada, 2014, p. 136, nota 5.

⁽²⁸⁾TOURAINÉ, Alain - Depois da crise. Lisboa : Instituto Piaget, 2012. p. 27. Sobre o pensamento do sociólogo, diferente do economista, mas como o historiador, que «procura compreender os atores, as suas escolhas e as suas representações», mas que não rejeita as soluções técnicas dos economistas e dos políticos, pp. 12/13.

como os hierarquizam. E aqui suscita-se, com evidência, ainda outra *vexata quaestio*: aderir-se ou não a valores pré-existentes. E tendo havido essa adesão, designadamente num tempo de crise, houve modificação de posição face a eles? E, no caso afirmativo, é possível retornar-se? É que a crise, como se sabe, chegou até a produzir a exclusão social com as suas consequências nefastas. Foram assinaladas, as tentativas tendo em vista a reconstrução da «vida social, pôr fim à dominação da economia sobre a sociedade, o que exige o recurso a um princípio cada vez mais geral e mesmo universal, que de novo se pode chamar os Direitos do Homem (melhor apelidados de humanos), que deve engendrar formas novas de organização, de educação, de governação, para ser capaz de arrastar uma redistribuição do produto nacional a favor do trabalho, desde há muito sacrificado ao capital e exigir um respeito mais real da dignidade de todos os seres humanos»⁽²⁹⁾. Retorno ao passado? Novas formas de viver em sociedade, sem mais, ou retirar-se lições do passado? Ser realista não é preferir a última via?

Exemplo da transformação de valores e não da sua desagregação, é apresentado por Hans Küng. Perante a «mudança histórica de paradigma desde o final das duas guerras mundiais – a passagem da modernidade para a pós-modernidade; uma transformação da conjuntura global, actualmente já consciencializada pelas grandes massas»⁽³⁰⁾, indica esse teólogo, referindo os âmbitos científico, tecnológico, industrial e democrático, «uma transformação social» «em consonância com estas forças sociais, antes absolutas e hoje relativizadas», afastando-se a mera supressão dos «valores específicos da modernidade industrializada – trabalho (indústria) racionalidade, ordem, seriedade, pontualidade, sobriedade, rendimento e eficiência», antes reinterpretando-os «à luz desta nova conjuntura e combinados com os novos valores da pós-modernidade: a imaginação, a sensibilidade, a emotividade, o afecto, a ternura, a humanidade»⁽³¹⁾.

⁽²⁹⁾TOURAINÉ, Alain - Depois da crise. Lisboa : Instituto Piaget, 2012. p. 12 e 13.

⁽³⁰⁾ KÜNG, Hans - Projecto para uma ética mundial. Lisboa : Instituto Piaget, 1996, p. 46/47.

⁽³¹⁾KÜNG, Hans - Projecto para uma ética mundial. Lisboa : Instituto Piaget, 1996, p. 49.

Podemos, porém, concordar com «Já não existe uma escala fixa de valores, de medida estável e absoluta, pois todos os valores flutuam num vasto mercado, com as suas cotações a aumentarem ou a descerem ao sabor dos entusiasmos, dos pânicos e das apostas mais subjectivas»? ⁽³²⁾, chegando-se a referir a *frivolidade* dos valores ou a colocar-se a interrogação se se está a caminhar «para uma estetização dos valores, uma vez que se trata, em primeiro lugar e antes de tudo, de os criar», de valores alternativos, valores «pós-materialistas» ⁽³³⁾.

Embora com um certo reducionismo na pergunta, já se escreveu: «Quer isto [referido à mundialização] dizer que caminhamos para um mundo sem ética? Não acredito. Sempre existirão valores. Poderemos mesmo dizer que nunca, na história da humanidade, alguma vez estiveram em presença tantos valores» e adiante: «Talvez mesmo hoje existam demasiados valores e porque a crise que atravessamos indica que perdemos a nossa bússola ética e que não descobrimos um horizonte para o qual nos dirigirmos. Não se trata tanto de uma crise de valores – não temos falta deles – mas de uma crise do sentido próprio desses valores e da aptidão para geri-los. A questão premente é, portanto, o sabermos orientar-nos no meio deles» ⁽³⁴⁾. Este trecho é o prólogo de uma multiplicidade de questões colocadas hodiernamente no âmbito dos valores e da sua crise: refere-se à crise que sofreram nos dois últimos séculos, conduzindo «a múltiplas incertezas. A ausência de uma base transcendente que permita ancorar valores eternos num céu imutável ou recebê-los, de uma vez por todas, através de uma revelação indubitável quer significar o crepúsculo dos valores?». Deverão ser previstos «antagonismos virulentos, choques eventualmente violentos entre valores contrários? Verificar-se-ão «inesperadas hibridações e [...] novidades

⁽³²⁾ BINDÉ, Jérôme - Introdução geral. In BINDÉ, Jérôme, dir. - Para onde vão os valores?. Lisboa : Instituto Piaget, 2006. p. 23 (interrogação nossa), mencionando antes Paul Valérie, segundo o qual «a nossa concepção dos valores morais ou estéticos tendia a aproximar-se num Mundo dominado pela especulação, do modelo do valor bolsista».

⁽³³⁾ BINDÉ, Jérôme - Introdução geral. In BINDÉ, Jérôme, dir. - Para onde vão os valores?. Lisboa : Instituto Piaget, 2006. p. 23-25.

⁽³⁴⁾ MATSUURA, Koichir - Prefácio. In BINDÉ, Jérôme, dir. - Para onde vão os valores?. Lisboa : Instituto Piaget, 2006. p. 19.

entre sistemas de valores de origem e de orientações hoje desconhecidas umas das outras?»⁽³⁵⁾.

Mas com os valores não poderá também a crise económico-financeira - social ser ultrapassada e, mais, dela resultar uma comunidade melhorada? O que se pretende é meramente prosseguir e conseguir êxito, lucro? Ou actuar de modo a dominar a situação de tal crise de modo a que as pessoas tenham os seus problemas materiais e imateriais bem resolvidos, posto que, seguindo a cartesiano ensinamento, sejam resolvidos sistematicamente e cada um por si, não procurando a resolução de uma só vez, não se podendo deixar de admitir a possibilidade de conflitos de ideias sobre a prevalência de uma categoria de valores face a outra ou outras, caso a ser solucionado com a prevalência da racionalidade em que se deve ter em atenção o que deve ser feito e não o que muitos gostariam de ser feito?

Importa não olvidar a coerência das escolhas e a integração na realidade. O que se pretende, pois, é saber como agir, como escolher as acções que conduzam a prevenir, evitar ou reprimir os efeitos nefastos da crise, conduzindo ao bem-estar da sociedade e não apenas a um bem-estar momentâneo mas também ao desenvolvimento humano.

Atendendo às desigualdades existentes, ao que ocorre no âmbito do trabalho - desde o desemprego já referido, à precariedade no seu exercício e ao nível da respectiva remuneração -, obviamente que os valores económicos e os valores morais têm de coexistir, mais, de serem ambos considerados. Assim se existe procura global não suficiente, se a afectação da riqueza mundial deve ser reorientada, tais tarefas pressupõem não só valores económicos como valores éticos/morais. Nalguns casos existirão a necessidade e a possibilidade de *trade-off* entre os diversos valores, mas importa sempre ter em mente os direitos humanos

⁽³⁵⁾BINDÉ, Jérôme - Introdução geral. In BINDÉ, Jérôme, dir. - Para onde vão os valores?. Lisboa : Instituto Piaget, 2006. p. 22, referindo antes a opinião de Voltaire mencionando uma única moral comum, uma única geometria.

e a sua prevalência, negando-se a hegemonia económico-financeira. E isto é bem importante quando se pode por em causa a sociedade actual pela transformação ou mudança de instituições sejam económicas sejam sociais com reivindicação de direitos socioeconómicos das diversas gerações. Para o efeito, é fundamental o comportamento de todos os *opinion makers*, tornando-se ainda necessário face ao desejo de mudança e de reforma, existir confiança para que tal venha a ser conseguido e que essa confiança seja assente na razoabilidade e, portanto, em todos os factores que para ela contribuam ou possam contribuir.

E já se menciona «o fim do social», «O ponto essencial aqui (...), é reconhecer que os atores já não são motivados pelos seus interesses sociais e económicos, mas sim pela vontade de defender os seus *direitos*, quer dizer de fundar o seu desejo de liberdade e justiça na consciência que têm de transportar em si o sujeito humano» ⁽³⁶⁾, com a «vontade de cada um, de agir de maneira conforme a defesa dos seus direitos pessoais e dos direitos dos outros» ⁽³⁷⁾. E acrescenta-se: «O fim social induz a transparência de todos os aspectos de vida colectiva e pessoal. E se a ideia de *desenvolvimento sustentável* é central hoje, é porque emana da mais clara tomada de consciência da necessidade de reconstruir instituições capazes de controlar a vida económica em nome dos direitos de origem moral» ⁽³⁸⁾.

E, numa perspectiva global, não existirão «valores intemporais e independentes da história», procurados desde o começo da humanidade (a Verdade, o Bem, o Sagrado, a Beleza)? E já também foi escrito: «Tomámos (...) consciência do facto de os nossos valores de referência não poderem ser senão objectivos, tendo em conta aspectos subjectivos relacionados com o poder, pelo interesse ou pelo ressentimento» ⁽³⁹⁾.

⁽³⁶⁾TOURAINÉ, Alain - Depois da crise. Lisboa : Instituto Piaget, 2012. p. 126 e 127.

⁽³⁷⁾TOURAINÉ, Alain - Depois da crise. Lisboa : Instituto Piaget, 2012. p. 136

⁽³⁸⁾TOURAINÉ, Alain - Depois da crise. Lisboa : Instituto Piaget, 2012. p. 128

⁽³⁹⁾MASSUH, Victor - A alma dos valores In BINDÉ, Jérôme, dir. - Para onde vão os valores?. Lisboa : Instituto Piaget, 2006. p. 115 (interrogação nossa).

Num texto muito esclarecedor, Edgar Morin escreve sobre o problema dos valores no século XXI, imputando-o «à complexidade ética». A fundamentação «dos valores era [até hoje] de uma simplicidade extrema Deus [...]» ou «o mesmo no contexto laico de sociedades solidamente unidas, uma vez que as injunções éticas eram profundamente interiorizadas». Assim «Obedecer, respeitar os valores, eram evidências». Face à mudança, «o imperativo já não vem de Deus, nem da religião, nem do Estado nem da Sociedade, mas do próprio indivíduo, de acordo com o imperativo categórico de Kant». E acrescenta, atendendo a que «o humano não é apenas o indivíduo, a sociedade ou a nossa espécie biológica, mas a trindade que estes três termos constituem, na sua interdependência», «os valores são, portanto, relativos ao indivíduo, por intermédio da sua responsabilidade, da sua dignidade, da sua virtude e da sua felicidade, mas igualmente ao grupo e à espécie, sobretudo num contexto de globalização», o que implica surgirem «conflitos de dever» ⁽⁴⁰⁾.

Max Weber referia um «politeísmo de valores», o que Morin menciona, insistindo na frequência de «conflitos entre imperativos éticos contrários» e que «reaparecem hoje mascaradas [as confrontações] em desenvolvimentos científicos» e adita algo também de grande interesse: «simplificação ética que não conhece as civilizações que considerarmos atrasadas» e «sob muitos aspectos», estamos perante um «estado de subdesenvolvimento ético».

E conclui: «Complicar a ética é tentar conceber e depois estabelecer a relação entre a ciência, a ética e a política, isto é, deixar de isolar o problema dos valores; complicar a ética é reconhecer conflitos entre imperativos éticos tão fortes uns como os outros; complicar a ética é reconhecer a incerteza final quanto ao resultado das nossas melhores intenções e do respeito pelos valores» ⁽⁴¹⁾.

⁽⁴⁰⁾MORIN, Edgar - A ética da complexidade e o problema dos valores no Século XXI. In BINDÉ, Jérôme, dir. - Para onde vão os valores?. Lisboa : Instituto Piaget, 2006. p. 91.

⁽⁴¹⁾MORIN, Edgar - A ética da complexidade e o problema dos valores no Século XXI. In BINDÉ, Jérôme, dir. - Para onde vão os valores?. Lisboa : Instituto Piaget, 2006. p. 93 e 94.

Com a ideia reforçada da «subjectividade prometiana do ser humano», Jean-Joseph Goux afirma: «É aliás, neste momento que a noção de *valor* se torna omnipresente» perante «Liberdade angustiante de um sujeito desenraizado, de um individuo solitário» ⁽⁴²⁾, o que vai ser acompanhado por serem tocados «por uma espécie de relatividade, de relativismo e estão sujeitos a fenómenos de inflação, de sobreavaliação, de queda, de depreciação», tornando-se cotações, com o risco de «proporcionar apenas valores frívolos, instáveis, ligados, além disso, essencialmente a condição de superabundância e de luxo ou, ainda à diferença entre riqueza e pobreza, universo que não tem alcance universal» ⁽⁴³⁾.

De tudo o que se escreveu, é bem patente a possibilidade de controvérsia sobre os valores de referência. Negá-los? Substituí-los? Transformá-los? Reinterpretá-los? A solução terá de ser encontrada sempre à luz de um possível consenso tendo por objecto a tentativa do máximo comum mas com a ideia de eles não se limitarem à interioridade, de existir um núcleo essencial e serem necessários para o que os comportamentos contribuam para o ser humano ser cada vez mais o que é e para lhe ser possível viver em comunidade.

Não se deve concordar com que «Um conhecimento pertinente é aquele que é capaz de contextualizar, ou seja, de reunir, de globalizar» e ainda com a ideia de que «o sentimento de uma comunidade de destino profundo, que alie a ideia de solidariedade e de fraternidade»? E que, para evitar medidas de autoridade face a uma sociedade complexa, no sentido, de existir «o mínimo de coerção possível; o único sentimento que resta é o sentimento de solidariedade vivida»? ⁽⁴⁴⁾.

O que importa também rejeitar sem hesitação é a predominância e *a fortiori* a exclusividade do económico-financeiro, visto a cultura, no seu sentido lato, não

⁽⁴²⁾GOUX, Jean-Joseph - Para uma frivolidade dos valores. In BINDÉ, Jérôme, dir. - Para onde vão os valores?. Lisboa : Instituto Piaget, 2006. p. 96.

⁽⁴³⁾GOUX, Jean-Joseph - Para uma frivolidade dos valores. In BINDÉ, Jérôme, dir. - Para onde vão os valores?. Lisboa : Instituto Piaget, 2006. p. 99 e 100.

⁽⁴⁴⁾MORIN, Edgar - Complexidade e liberdade. In MORIN, Edgar [et al.] - A sociedade em busca de valores. Lisboa : Instituto Piaget, 1998. p. 253 e 254, com formas interrogativas nossas.

dever estar subordinada ao económico-financeiro, situação inversa que tem conduzido ao desvio inimaginável de remunerações e demais rendimentos em geral, bem como, de entre outros fenómenos, e não é o menos importante, à especulação financeira que geralmente beneficia os mais possidentes, aumentando o chamado fosso entre os pobres e os ricos. Que interessa uma sociedade detentora dos últimos e mais sofisticados instrumentos técnicos e descobertas científicas, bem como de recursos apreciáveis, se a sua população, em grande medida ou mesmo apenas suas franjas, não beneficiam do progresso resultante das disponibilidades? A que resultados tem conduzido o predomínio e a «superioridade» dessa entidade abstracta chamada mercados? Daí que os valores ético/morais devam assumir papel primordial de modo a que se consagre crescentemente a equidade quer horizontal, quer vertical, quer intergeracional, afastando os inconvenientes da globalização com as consequências da perda de autonomia do Estado regulador ou interventor necessário para evitar os resultados da actuação sem limites para se atingir a competitividade. Não deverão ser retiradas lições das consequências derivadas da desconsideração do social em geral pelo económico-financeiro através do «esquecimento» por este dos efeitos naquele domínio, do seu actuar?

A democracia – e eu acrescentaria os direitos do ser humano no caso de se entender naquela não incluídos – deve continuar a ser o refúgio do indivíduo face à crise, em que a ideia da justiça não está, não pode estar ausente, na qual a autonomia da pessoa vê o porto de abrigo ⁽⁴⁵⁾ e, para além da predominância dos valores éticos/morais, o bem-estar individual e social, a saúde deverão preceder os valores económicos que, no entanto, devem possibilitar tudo o demais e, para o efeito, não podem ainda deixar de ser considerados os valores educacionais, científicos culturais e ambientais, afastando-se o valor da dominação (*dominance*). Numa visão global, ainda os valores religiosos e estéticos não devem ser postergados antes hierarquizados devidamente.

⁽⁴⁵⁾Cfr. Noutra perspectiva, mas com reserva e muito desenvolvimento, VAZ, Henrique Cláudio de Lima - Ética e direito. São Paulo : Landy Editora : Edições Loyola, 2002, p. 355.

5. Conclusão

Do que se escreveu, resulta não poder ser aceite sem mais um individualismo negando valores objectivos, universais, imutáveis embora algumas ou muitas vezes de conteúdo não inteiramente fixo.

Poderá aceitar-se a negação do respeito pelos direitos fundamentais e ou pela justiça social, de entre outros? Poderá admitir-se a indiferença pela respectiva não consecução? Pode considerar-se aceitável a violência ou a impunibilidade dos comportamentos contrários? A educação não deve visar a interiorização da reprovação e da punibilidade de tais comportamentos? Que comportamentos devem ser considerados para a inclusão social, a diminuição (a eliminação será possível?) do desemprego, a erradicação da pobreza, a igualdade dos géneros, não esquecendo a convivência pacífica e, portanto, segura e justa?

À guisa de conclusão, reproduzimos do já citado texto de Matsuura: «A vida dos valores não precisa hoje de meios importantes, apenas de reflexão e silêncio. Para além das reduções de estetização devemos ser receptivos, sem média nem intermediário, à voz da verdade, à serenidade de uma conduta justa ou heróica, ao encantamento da beleza e à abstracção do mistério» ⁽⁴⁶⁾.

A necessidade de diálogo, de respeito pelas diversas posições, de compreensão mútua, de tolerância é fundamental no confronto das diversas posições no âmbito quer das várias culturas quer dos diversos autores.

Mesmo assim, será possível a aceitação de valores, posto que fundamentais, e correspondente hierarquia? Ao menos, o propósito é totalmente louvável, de modo a reduzir, se não a eliminar as disparidades, os antagonismos que tão nefastos têm sido para a nossa vida planetária. Para isso, porém, o diálogo visando a

⁽⁴⁶⁾ Soc. cit., p. 118.

harmonização, possivelmente melhor que a hibridação, torna-se absolutamente necessário de modo a que as diversas perspectivas sejam analisadas com mente aberta para atingir um objectivo comum e não a de fazer operar a supremacia de uns face a outros. Assim - num mundo mais preocupado com algo que não os valores, deficitário filosófica e eticamente - talvez se atinja a eliminação da lucroidolatria, do invocado *get rich, borrow, spend and enjoy* tão característico de tantas sociedades e épocas, ultrapassando-se, pois, a deterioração ou mesmo o vazio de vectores comportamentais aceitáveis, de modo a dar sentido ao progresso, que não deve ser deificado, e todas as suas resultantes (que consequências terríveis podem resultar de uma ciência e tecnologia sem sentido ético?).

No entanto, esta orientação de abertura, de diálogo, de compreensão, de ausência de confronto não pode, face ao que se deixa escrito, conduzir a uma inexistência de regras ou a um casuísmo sem subordinação a vectores, embora esses vectores, na sua aplicação importem ter em atenção as situações concretas em causa, mas sempre de modo a preservar um núcleo inultrapassável.

Julga-se deverem ser impostas uma «desmaterialização», uma espiritualização, o reforço da ética de modo que a não exclusão, a justiça, a solidariedade prevaleçam. Impõe-se reconhecer, repete-se, um conjunto de valores inarredáveis que conduzam ou integrem os direitos do ser humano, na riqueza da sua diversidade, mas comum no seu Ser, procurando, porém, a compatibilização de outros valores com civilizações diversas da nossa, isto é, o respeito pela diferença, mas preservando o «núcleo» que nos é próprio. Sejam originados na tradição ou na religião, no social, na utilidade, no psíquico ou noutra podem não ser adoptados? A dúvida sobre esses valores ou a sua negação não conduziu e conduz ao negativismo, à incerteza e à fraqueza?

Os valores têm de ser fundamentados, para além de apenas serem o resultado de uma mera convicção individual, portanto, devem ser radicados em algo superior que se nos impõe, não sendo, pois, afastáveis consoante a conveniência, sendo a

respectiva comunhão também necessária, como elemento de coesão para a comunidade funcionar.

Do que se escreveu, resulta clara a importância dos valores para a inovação social, importância intensificada em tempo de crise em qualquer dos sentidos indicados.

Se a inovação social implica, como implica, mudança de comportamento em domínios assaz variados – e não nos debruçamos sobre os problemas que tal inovação suscita, a começar pela sua definição -, se é o caminho para a manutenção da qualidade de vida ou/e a sua melhoria, se é uma nova direcção da política pública social, se visa aperfeiçoar a qualidade das respostas sociais e a consecução da equidade intergeracional e, bem assim, se tem embutida a flexibilidade, está demonstrada a importância da consideração dos valores ⁽⁴⁷⁾.

Vê-se bem, pois, a necessidade da inovação social ter em atenção o que foi sendo exposto, ela deve corresponder ao sentido ético/moral, ela não deve corresponder ao negativo referido, ela deve ter em mente o bem-estar de todos, com especial cuidado face aos mais carenciados e, *a fortiori*, aos mais vulneráveis. De outro modo, ela não corresponderá às esperanças nela depositadas: proporcionar uma vida melhor, embora não apenas no aspecto material.

Manuel Pires

Lisboa, Outubro de 2015

⁽⁴⁷⁾Cfr. Sobre toda esta problemática. PIRES, Rita Calçada - O que é a inovação social. (Working Paper ; 1), que se seguiu de perto.

Para mais literatura recomendada sobre as matérias abordadas pelo iLab, consultar a actividade de Curadoria Científica desenvolvida pelo iLab: <http://ilab.cedis.fd.unl.pt/curadoria-cientifica/>